

Frente Única – Frente de Classe

(editorial do jornal "Política Operária" de abril de 1962)

As primeiras repercussões ao apelo em prol de uma "Frente Única dos Trabalhadores da Cidade e do Campo", lançado no primeiro número de POLÍTICA OPERÁRIA, demonstram que, pelo menos, a necessidade de uma unidade de ação das forças da esquerda está sendo sentida. Respostas como as de Almino Afonso e de Sérgio Magalhães, que representam hoje a esquerda do trabalhismo, são um sinal encorajador. Igualmente positiva foi a reação em alguns círculos do PSB. O próprio PCB não se isentou dos debates, fixando as suas posições mediante um artigo de Marco Antônio Coelho – "Frente das Esquerdas ou Frente Única Nacionalista e Democrática" – publicado por "Novos Rumos", na edição de 2 a 8 de fevereiro último. É justamente a resposta do órgão oficial do Partido Comunista que nos parece merecer maior atenção.

QUESTÃO PRELIMINAR

Antes de analisar os argumentos expostos por Marco Antônio Coelho, queremos desfazer certo mal-entendido (que não atinge somente a ele): não propusemos simplesmente a constituição de uma "Frente das Esquerdas".

Propusemos, sim, a unidade de ação das forças de esquerda pela formação de uma Frente Única dos Trabalhadores da Cidade e do Campo. Propusemos uma frente de classe nas bases que una e mobilize o proletariado urbano, para que possa jogar o seu peso na luta de classes e na luta antiimperialista, para que coordene o seu movimento com o movimento político e social que se está desenvolvendo no campo, e para que venha de fato a desempenhar o papel dirigente das forças populares nas lutas com a reação que se está preparando para um choque decisivo.

Não se trata aqui de mera discussão semântica. Se consideramos "Frente das Esquerdas" inadequado para caracterizar o movimento de tal envergadura – do mesmo modo como as Alianças Operário-Estudantis, que tem maior significações propagandísticas do que de ação – é pelo simples fato de que essas massas mobilizáveis, a legião dos trabalhadores assalariados e dos camponeses sem terra, não se movimentarão por se sentirem ligadas a uma tradição de esquerda.

Antes, o farão por reivindicações de classe, definidas em função de necessidades imediatas, decorrentes da sua situação social de trabalhadores.

Semelhante movimento não é uma simples soma das forças de esquerda existentes no país, mas a sua multiplicação, e representará uma mudança qualitativa, não só para o panorama político, como para a própria esquerda. Esta, nós a definimos como sendo composta do Partido Comunista, Partido Socialista (não só os "puros"), a ala esquerda do Trabalhismo, os sindicatos sob liderança esquerdista, as Ligas Camponesas e os grupos menores que se colocam no terreno socialista. Tais forças têm uma posição chave para iniciar a luta pela formação da frente de massas, estão em condições de fazer a pedra rolar e dirigir o movimento revolucionário, mas não representam ainda esse movimento. Mais ainda: a grande maioria das forças de esquerda, com as tradições de luta e as concepções políticas que tem, e que datam de ontem, não está em condições de enfrentar o problema do movimento de massas. Se o estivessem, não teria sido Jânio Quadros o grande "profiteur" do descontentamento do último pleito. Foi a nós que ele tirou o direito de primogênito. Para reavê-lo, a esquerda tem que dar um balanço de seus erros e adaptar-se às necessidades da luta de hoje. E aqui chegamos à essência do problema: quais as causas responsáveis pela atual situação das esquerdas? Quais os pontos a serem reformulados?

ONDE ENTRA A BURGUESIA

Marco Antônio não deixa dúvida de que o problema cardeal são as relações com a burguesia, e nisso concordamos com ele. Mas é neste ponto, também, que começa a discordância: enquanto propomos uma frente única de classe, seu artigo defende uma frente única com a burguesia nacional.

Os principais argumentos que os defensores da colaboração com a burguesia apresentam são os seguintes:

- Na atual fase, a luta ainda não é pela instalação do socialismo no Brasil o sim antiimperialista e anti-feudal. *"A melhor maneira de lutarmos agora pelo socialismo está em contribuir ao máximo, para afastar os grandes obstáculos existentes no caminho do socialismo, a dominação imperialista e a atual estrutura agrária"*.

- A burguesia nacional, ou grande setor dela por "razões objetivas", por "motivos que independem" da sua vontade ou da nossa, luta contra o imperialismo. *"Trata-se de um aliado na revolução anti-imperialista e anti-feudal que, mesmo inconseqüente, tem de ser apoiado"*.

- *"A hegemonia dentro da frente única deve caber à classe operária. Mas esta hegemonia não se impõe tão somente porque a desejamos. A conquista dela (que ainda não se deu) está presa a maior ou menor força da classe operária, ao nível da sua organização, à sua consciência de classe, e acima de tudo a uma justa orientação política"*.

- A frente com a burguesia não prejudica nem a independência nem as reivindicações da classe operária.

Não dispomos neste jornal de espaço para responder, parágrafo por parágrafo, o extenso artigo de "Novos Rumos" – como certamente mereceria, e seremos forçados a resumir a nossa resposta.

Em primeiro lugar, cabe-nos constatar que, nas condições do Brasil de hoje, é artificial a alternativa entre luta socialista ou anti-imperialista. Embora não estejamos em situação de colocar a questão da tomada do poder, o socialismo, como solução histórica para os problemas do país, está na ordem do dia. O objetivo da luta pelo socialismo, no Brasil faz parte da educação das massas proletárias e cria sua consciência de classe; e esse objetivo da luta lhes dá a noção de que, dentro dos quadros da atual sociedade burguesa, os seus problemas não encontram solução definitiva: é essa consciência que as ensina a distinguir entre uma política operária e uma política burguesa, e impede que sigam demagogos oportunistas, como Jango ou Jânio.

Isso, porém, é somente um aspecto da questão. Toda luta anti-imperialista, levada às últimas conseqüências, isto é, que leve à derrota do imperialismo, terá de se transformar em luta pelo socialismo. Não há essa "muralha chinesa" entre as duas fases de luta, concordamos. Mais ainda, os únicos capazes de erguer essa "muralha" seríamos nós. Mas, nesse caso, considerando o desenrolar da história contemporânea, proporíamos não chamar essa muralha de "chinesa". A prática da luta de classes na China não o justifica.

Nós erguemos essa muralha justamente quando renunciamos a dar uma compreensão do processo de luta às massas; quando queremos fazer-lhes crer que seria possível lutar por uma Pátria soberana dentro dos quadros da sociedade burguesa; quando renunciamos a dizer-lhes claramente, e "em todas as fases da luta", que o imperialismo não é mais do que a etapa ulterior do capitalismo; quando procuramos aparentar que se pode combater o imperialismo sem combater o capitalismo como sistema. Ao procedermos assim, desistimos de dar consciência de classe ao proletariado, abandonamos as concepções revolucionárias e leninistas da luta anti-imperialista e limitamo-nos a meras reformas da sociedade existente (o que Marco Antônio chama de "afastar os grandes obstáculos do caminho...").

É essa a artificialidade da alternativa que nos é apresentada: meios revolucionários quando se luta pelo socialismo, meios reformistas na luta anti-imperialista.

PAPEL REVOLUCIONÁRIO DA BURGUESIA?

O autor consagra grande parte do seu artigo ao esforço de provar que certo setor da burguesia brasileira é anti-imperialista. Não define esse setor, não nos diz quais são as forças em jogo. Pela sua argumentação, pode-se concluir, todavia, que se trata da parte da burguesia que apóia a Petrobrás, a criação de indústrias estatais como a Cia. do Vale do Rio Doce, Volta Redonda, a F.N.M., etc. Ora, medidas de capitalismo de Estado estão sendo apoiadas pela burguesia, ou parte dela, quando reforçam a economia capitalista (e não só no Brasil). Daí a provar que essa burguesia é anti-imperialista ou revolucionária, falta, porém, muito. Poderá mostrar, simplesmente, que certos e importantes setores da burguesia nacional estão em choque com a política norte-americana, que eles têm reivindicações próprias, que desejam melhorar a sua posição "dentro do sistema de colaboração com o imperialismo americano". Todas as conferências inter-americanas o demonstram - sejam elas econômicas, como a primeira, ou políticas, como a segunda Conferência de Punta del Este. Mas, toda vez que o sistema imperialista (ou o inter-americano) é ameaçado, encontramos a burguesia nacional e o imperialismo no mesmo campo de defesa da civilização Cristã-Occidental. A divergência é de métodos e de custos de defesa.

Não negamos que mesmo esse gênero de divergências pode facilitar a nossa luta e que estamos, na prática, tirando proveito delas. Tomemos o exemplo da atuação do Brasil na última Conferência de Punta del Este. A política externa brasileira foi, sem dúvida, um obstáculo aos planos de invasão de Cuba. Por serem anti-imperialistas o Sr. Santiago Dantas e seus mandantes? Evidentemente não. Ou, talvez, por existir uma "frente" qualquer, nacionalista ou não, entre o Governo e as esquerdas? Tampouco. Simplesmente porque a burguesia brasileira - como a burguesia de outros países latino-americanos - tem uma opinião pública a temer, receia as conseqüências dos planos americanos de agressão na política interna. É a pressão popular espontânea que funcionou até agora no caso de Cuba e não uma frente imaginária.

A mesma coisa pode ser constatada no campo da política interna, na questão do petróleo. Qual o político, que dependa de voto popular em escala nacional, que ouse defender abertamente uma política petrolífera entreguista? Vimos o exemplo de Jânio, que não compôs, entretanto, nenhuma "frente" com a esquerda. O que pesa, realmente, é a pressão de baixo em torno de certos objetivos.

Tomamos aqui o aspecto puramente político da questão. Mas existem igualmente causas econômicas bastante fortes, que levam a burguesia brasileira a fazer oposição aos americanos. Ela defende os preços dos produtos de exportação, está a procura de novos mercados, choca-se com o imperialismo no terreno dos investimentos, etc. Também nestes casos, não está ela agindo em função de frentes imaginárias, ou em concordância com as esquerdas, mas sim por razões "objetivas", por motivos independentes da vontade dela ou nossa. É justamente porque existem essas razões objetivas que podemos renunciar à ficção das frentes, que só serviram para diluir a consciência de classe do proletariado e atrasar a sua formação política. Se pretendemos realmente dedicar-nos a desenvolver os fatores revolucionários do país, então só podemos contar com o proletariado e seus aliados no campo. A época da burguesia revolucionária passou há muito tempo neste Continente, e passou definitivamente depois de Cuba. Observemos, aliás, que, mesmo em Cuba, a burguesia nada tinha de revolucionária. O movimento da rebelião fidelista foi iniciado pela classe média, pela pequena burguesia. A burguesia cubana não fez senão abandonar Batista na penúltima hora, quando este não mais soube defender o seu patrimônio dos inconvenientes de uma guerra civil. O resto é ilusão de ótica.

UMA DIVERGÊNCIA ANTIGA

As relações existentes entre o proletariado e burguesia representam um dos grandes problemas na história do movimento operário, principalmente em países onde as duas classes enfrentam temporariamente um inimigo comum. É o julgamento do papel da burguesia e da tática decorrente que causou a já tradicional cisão em alas revolucionária e reformista. Marco Antônio nos cita Engels, mas se se tivesse aprofundado um pouco mais nos problemas de que Engels tratou, teria visto que o problema não é tão novo. *"Para lutar contra um inimigo comum não se precisa de nenhuma união especial. Uma vez que é necessário lutar diretamente contra tal inimigo, os interesses de ambos os partidos coincidem no momento e essa união, como vem ocorrendo até agora surgirá no futuro por si mesma e momentaneamente"*, disseram Marx e Engels na célebre mensagem do Comitê Central à Liga dos Comunistas. E porque combateram essa união (que na linguagem política de hoje se chamaria de "frente")? Porque *"O proletariado perderia a posição independente que conquistou à custa de tantos esforços e cairia uma vez mais na situação de simples apêndices da democracia oficial"*.

No movimento russo, o mesmo fenômeno surgiu, dividindo a social-democracia em bolcheviques e mencheviques. O ponto da discórdia em todas as fases da disputa eram as relações com a chamada burguesia liberal, perante a qual Lênin defendia a completa independência do movimento operário e combatia os mencheviques porque sacrificaram a independência à aliança com a burguesia. "Marchar separados, bater-se juntos" era o princípio que regia a estratégia leninista.

Marco Antônio não deve ignorar esses fatos. Nenhum comunista que escreve hoje um artigo sobre relações entre proletariado e burguesia pode dar-se ao luxo de passar por cima das experiências do passado. E não é com uma citação vaga de Engels - de que a liberdade é o conhecimento da necessidade - que se cobre essa lacuna. O problema concreto é: quais são as necessidades do proletariado brasileiro? Eis o "pivô" da questão.

REALIDADE E NECESSIDADE

A situação concreta é esta: durante quase duas décadas os expoentes da esquerda no país falam e agem em termos de alianças e frentes com a burguesia. Primeiro com a burguesia democrática, depois com a progressista e agora com a nacionalista. Em função dessa política, a formação de uma classe operária independente, socialista e anti-capitalista foi abandonada. O resultado de hoje é que somente uma pequena parte do proletariado é atingida pelos organismos sindicais - amarrados pelo Ministério do Trabalho - e uma parte muito menor ainda pelos organismos políticos da esquerda. A maioria do proletariado brasileiro vota em candidatos burgueses e vota "contra" a orientação da esquerda. Se tomarmos o resultado das eleições periódicas, desde o fim da guerra, temos um barômetro da desvinculação das massas em relação aos organismos da esquerda.

Por que essa situação? Porque durante anos evitou-se conscientemente mobilizar-se o proletariado em torno de reivindicações de classe para não chocar os imaginários "aliados" da burguesia. Porque a esquerda limitou-se a uma política dentro das regras de jogo burguesas e, nesse terreno, não pode concorrer com os tradicionais partidos burgueses, que tem aí muito mais a oferecer. Por isso mesmo, a grande massa não procurou a sua salvação na ação de sua classe, do seu partido, mas sim em Getúlio, Ademar, Jango ou Jânio. Sobreveio a desilusão e depois o vácuo. Mas o que vamos oferecer-lhe agora? Um Brizola, para variar? Uma Frente Nacional de Libertação, novo rótulo para o conchavo com políticos burgueses, que acendem uma vela ao nacionalismo e outra à "Aliança para o Progresso"?

Essa política de colaboração de classes teve apenas uma interrupção: o "Manifesto de Agosto" que ainda representa o espantalho para críticos incômodos da orientação direitista. A tática em torno do Manifesto foi falha porque partia de premissas erradas e levou a uma prática falha, mas não há dúvida de que, naquela ocasião, o ponteiro virou

para o extremo oposto como reação à linha direitista anterior, que havia chegado a um beco sem saída. Isso poderá acontecer de novo. Ultra-esquerdismo e direitismo alimentam-se mutuamente – isso também Lênin já constatara.

Hoje, a mobilização direta das massas tornou-se premente. As contradições de classe no país aprofundaram-se. Tivemos a experiência Jânio, quando vimos praticamente toda a burguesia, a nacional de São Paulo (que apoiara a Petrobrás), a entreguista (que a tinha combatido), mais o imperialismo ensaiar uma tentativa autoritária. Se esta falhou, não foi por nosso mérito, mas porque o homem não deu conta do recado. A burguesia, porém, aprendeu com a experiência. Impelida pela impossibilidade de solucionar os crescentes problemas sociais, assustada pela radicalização nas cidades e pelo despertar do campo, voltará à ofensiva bonapartista e desde já prepara terreno para essa reserva.

Assistimos atualmente a uma mobilização geral das forças burguesas. Do levantamento de fundos para cruzadas anti-comunistas, coação direta sobre parte da imprensa, fundação de "institutos científicos", até a conspiração mal velada, tudo obedece ao mesmo esquema. Lacerda que, em setembro do ano passado, ainda rezava pela sua sobrevivência política, já voltou a ser um porta-voz respeitado dos círculos conservadores e já fala novamente grosso.

E a esquerda, o que tem para opor a isso? Como se prepara para enfrentar a próxima ofensiva da direita?

A esquerda só poderá deter a onda se conseguir movimentar essas massas que, nos dias críticos de agosto passado, revelaram a disposição de luta, mas que fizeram sem liderança. Isso, porém, exige uma mudança na concepção de luta. O fato de o proletariado brasileiro ainda não exercer a hegemonia das forças populares não nos dá nenhum direito de nos conformarmos a essa situação. Toda a nossa luta deve ser dirigida para superar esse aspecto do subdesenvolvimento político. Somente essa preocupação justifica a nossa existência como marxistas e como leninistas.

Tal tarefa, atualmente, está acima das forças de um partido. Entre outras razões, porque o tempo não o permite. Para o futuro próximo a iniciativa estará com o inimigo. Só o reagrupamento de toda a esquerda por uma Frente Única de classe é capaz de dar às massas operárias a necessária confiança em sua ação para lançar-se na luta política.

Marco Antônio fala no seu artigo, de uma classe operária liderada pelo Partido Comunista. Deve concordar, porém, que essa definição corresponde mais a uma meta do que a um fato. Em primeiro lugar, não se poderá afirmar seriamente que a classe operária esteja suficientemente unida para ser liderado por um partido qualquer que seja. Em segundo lugar, não devemos esquecer que o mero rótulo de Partido Comunista ainda não garante a liderança na luta revolucionária. Também aí o precedente cubano deve dar o que pensar.

Ser comunista significa, antes de tudo, desenvolver e organizar as forças mais revolucionárias da sociedade e lançá-las na luta política. Se tivéssemos de fato um partido em condições de mobilizar o proletariado como classe, então o problema das frentes e alianças estaria em outro pé. É esse, de fato, um dos nossos objetivos, mas, por enquanto, a conquista do proletariado e a sua organização para as lutas práticas imediatas continuam sendo o problema de toda a esquerda. Fugir a ele é o melhor serviço que podemos prestar à burguesia.
